



GUIA DAS AVES



CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

**GLAUCO ALVES PEREIRA
PAULO DE BARROS PASSOS FILHO
FERNANDA GABRIELA SANTOS DE OLIVEIRA
EDSON SILVA BARBOSA LEAL
SAWANA CAROLINE DE AQUINO BORGES
WALLACE RODRIGUES TELINO JUNIOR
RACHEL MARIA DE LYRA NEVES
SEVERINO MENDES DE AZEVEDO JUNIOR**



UFRPE

GUIA DAS AVES DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

Glauco Alves Pereira
Paulo de Barros Passos Filho
Fernanda Gabriela Santos de Oliveira
Edson Silva Barbosa Leal
Sawana Caroline de Aquino Borges
Rachel Maria de Lyra Neves
Wallace Rodrigues Telino Junior
Severino Mendes de Azevedo Junior

1ª edição

Autores

Glauco Alves Pereira
Paulo de Barros Passos Filho
Fernanda Gabriela Santos de Oliveira
Edson Silva Barbosa Leal
Sawana Caroline de Aquino Borges
Rachel Maria de Lyra Neves
Wallace Rodrigues Telino Junior
Severino Mendes de Azevedo Junior

Fotos:

Glauco Alves Pereira
Paulo de Barros Passos Filho

Foto de Capa:

Paulo de Barros Passos Filho

Diagramação:

Michelle Telino

Revisão do Texto:

Rejane Magalhães de Mendonça Pimentel

Créditos das fotografias

Ciro Albano (*Jacana jacana*, *Columba livia*, *Megascops choliba*, *Phaethornis ruber*, *Eupetomena macroura*, *Nystalus maculatus*, *Caracara plancus*, *Zimmerius acer*, *Cyclarhis gujanensis*, *Tachycineta albiventer*, *Progne chalybea*, *Troglodytes musculus*, *Polioptila plumbea*, *Turdus rufiventris*, *Tangara palmarum*, *Coereba flaveola*, *Euphonia violacea*, *Euphonia chlorotica* e *Estrilda astrild*), Roberto Harrop (*Turdus leucomelas*, *Cyanerpes cyaneus* macho e fêmea e *Dacnis cayana* macho e fêmea), Yuri Raia (*Picumnus pernambucensis*, *Forpus xanthopterygius*, *Tolmomyias flaviventris*, *Tangara fastuosa*, *Tangara cayana* e *Thlypopsis sordida*), Arthur Grosset (*Elaenia flavogaster*), Leonardo Barbosa da Silva (*Coragyps atratus*, *Vanellus chilensis* e *Crotophaga ani*) e Pedro Lima (*Tyto furcata*, *Megaceryle torquata*, *Anthus lutescens*, *Volatinia jacarina* e *Spinus yarrellii*).

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	6
PREFÁCIO.....	7
AGRADECIMENTOS.....	8
INTRODUÇÃO	9



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

G943 Guia das aves do campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) / Glauco Alves Pereira... [et al.]. - 1. ed. - Recife: EDUFRPE, 2020. 58 p. : il.

Inclui referências.

1. Aves – Manuais, guias, etc. 2. Biologia 3. Animais 4. Ecologia
5. Ecossistema 6. Educação ambiental I. Pereira, Glauco Alves

CDD 574

ISBN: 978-65-86547-01-6

**GUIA DAS AVES DO CAMPUS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
(UFRPE)**

Glauco Alves Pereira

Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza - UFRPE

Paulo de Barros Passos Filho

MsC. em Ecologia - UFRPE

Fernanda Gabriela Santos de Oliveira

MsC. em Ecologia - UFRPE

Edson Silva Barbosa Leal

MsC. em Ecologia - UFPE

Doutorando em Biologia Animal - UFRPE

Sawana Caroline de Aquino Borges

MsC. em Ecologia – UFRPE

Mestranda em Oceanografia – UFPE

Rachel Maria de Lyra Neves

Dra. em Ecologia e Recursos Naturais – UFSCAR

Profa. da Unidade Acadêmica de Garanhuns - UFRPE

Wallace Rodrigues Telino Junior

Dr. em Ecologia e Recursos Naturais – UFSCAR

Prof. da Unidade Acadêmica de Garanhuns - UFRPE

Severino Mendes de Azevedo Junior

Dr. em Ecologia e Recursos Naturais – UFSCAR

Prof. Departamento de Biologia – UFRPE

APRESENTAÇÃO

A ideia da elaboração deste guia surgiu nas dependências da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), durante as aulas de Ecologia de Aves da primeira turma do Mestrado em Ecologia, no segundo semestre de 2011. Essa primeira turma concluiu, com êxito, o Mestrado em 2012. De lá para cá, muita coisa mudou no campus, mas outras continuaram quase que da mesma forma como deixamos: alguns departamentos surgiram, outros foram ampliados, com a construção de novos prédios, mas as aves que habitam o campus diariamente, lá estão; elas se reproduzem, se alimentam, dormem, enfim, realizam todo o seu ciclo de vida no campus, contudo, de forma invisível para a maioria que trabalha, estuda ou transita pela Universidade.

O propósito inicial desta obra foi diminuir essa “invisibilidade” das aves, fazendo com que as pessoas percebam que o campus é ‘vivo’, pois as aves que ali habitam realizam interações ecológicas importantes para a nossa saúde e bem-estar, pois controlam as populações de animais que podem trazer riscos à saúde, como ratos e mosquitos transmissores da dengue, *Aedes aegypti* e *A. albopictus*. Além disso, as aves são importantes elementos na dispersão de sementes e no processo de polinização, colaborando diretamente na restauração e na reprodução dos vegetais.

Mesmo com as áreas verdes existentes no campus, e sabendo da importância de sua manutenção, poucos estudos foram publicados sobre a avifauna existente na UFRPE. A maioria das informações está no livro ‘Aves no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco’ (Farias & Mendes, 1995), e em alguns anais e resumos. Compilando esses dados, e indo exaustivamente ao campo, surgiu esta obra, que retrata 70 espécies de aves e divulga a listagem das aves da UFRPE, atualmente com 118 espécies.

Esperamos que este livro satisfaça a curiosidade dos discentes, professores, observadores e amantes das aves, e que possa despertar o interesse das pessoas que queiram adentrar no mundo da Ornitologia e/ou da observação de aves (*Birdwatching*).

Os autores.

PREFÁCIO

O Guia das Aves do Campus da UFRPE é um daqueles livros que você lê, não somente codificando e enviando informações importantes para seu cérebro. É um livro para, além disso, ser lido com sentimentos, emoções e, principalmente, com paixão pela beleza da fauna apresentada, e claro, a beleza da nossa Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Não é à toa que a UFRPE é conhecida como RURALINDA!!! Este guia servirá de base para a construção de novos e importantes conhecimentos nesta área, bem como para sua difusão junto à comunidade da UFRPE e da sociedade em geral.

O guia “Aves do Campus da UFRPE”, escrito por profissionais renomados, extremamente qualificados e, principalmente, conhecedores profundos do campus sede da UFRPE, nos apresenta o resultado de uma sólida investigação, com 115 espécies de aves localizadas no campus-sede da UFRPE. Esta quantidade de espécies encontradas no campus sede da UFRPE, além de demonstrar sua importância para a fauna, nos ajuda a construir políticas de ação que visem mitigar os problemas existentes dentro de uma universidade localizada em uma grande cidade, como o Recife, além da proposição de políticas consistentes e eficientes de preservação deste ecossistema.

Cabe ressaltar que a coleta destas informações foi feita através de dados bibliográficos e de diversas incursões de campo na UFRPE, no período de 2010 e 2011, seguindo padrões científicos adequados para tal tipo de investigação.

Como exposto no início deste prefácio, este não é apenas um guia com dados, diagnósticos e informações técnicas. Para além disso, as belas imagens disponibilizadas no guia nos remetem a uma leitura muito mais profunda. A beleza das espécies estudadas nos prende como em uma galeria, apreciando obras de artes. Neste sentido, o guia é emoção pura!!! É como caminhar pela Ruralinda, através das páginas e fotos desta obra literária, e porque não ousar dizer, artística!!!

Enfim, o guia “Aves do Campus da UFRPE”, nos deixa orgulhosos da capacidade de nossa comunidade UFRPE, em especial dos professores, técnicos e discentes envolvidos nesta empreitada científica e literária. Parabéns a todas e todos, que, por meio de uma obra tão relevante, nos anima a continuar acreditando na Educação e na Ciência, como propulsores de transformação do mundo (por mais que pareça ousada tal afirmação), em benefício da humanidade, dos animais e da natureza como um todo.

Bons voos aos pássaros!

Boa leitura do guia “Aves do Campus da UFRPE”.

Marcelo Brito Carneiro Leão
Vice-Reitor da UFRPE



AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, aos professores e orientadores da Pós-Graduação em Ecologia da UFRPE.

A todos os nossos companheiros de turma.

À Reitora da UFRPE, Dra. Maria José de Sena.

Ao Laboratório de Geoprocessamento de Sensoriamento Remoto (GEOSERE), pela elaboração do mapa do campus da UFRPE.

Aos amigos Ciro Albano, Pedro Lima, Yuri Raia, Arthur Grosset, Roberto Harrop e Leonardo Barbosa da Silva por nos cederem, gentilmente, algumas de suas fotografias para ilustrar o guia.

À professora Marlene Carvalho de Alencar Barbosa (Curadora do Herbário UFP – Geraldo Mariz, da UFPE) pela revisão crítica e minuciosa dessa obra.

INTRODUÇÃO

O CAMPUS SEDE DA UFRPE

O Campus-Sede da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) localiza-se no bairro de Dois Irmãos (9°01'S; 34°08' O), região noroeste da cidade do Recife, próximo de áreas densamente povoadas (Sítio dos Pintos, Sítio São Brás e Córrego da Fortuna), da rodovia federal BR-101 e do Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI), que engloba um remanescente com 390 ha de Mata Atlântica; o Zoológico de Dois Irmãos é um complexo contendo três açudes, que servem para o abastecimento local.

Possuindo uma área total de 1.470.000,00 m² (147 ha), o campus está dividido em cinco zonas, na qual existem 132 edificações, onde se concentram as atividades de ensino, pesquisa e extensão (UFRPE/PROPLAN, 2004). Em sua dimensão territorial, o campus contrasta as expansões das construções urbanas com os pequenos fragmentos de Mata Atlântica, espalhados por toda a Universidade, dando a impressão de serem pequenos bosques ou arboretos (Torres *et al.*, 2010); mesmo assim, consegue abrigar uma expressiva biodiversidade, por estar situado no entorno de uma Unidade de Conservação. Além disso, é protegido por Lei Municipal, como Imóvel de Proteção de Área Verde (IPAV) e abrigar Áreas de Preservação Permanente (APP's) às margens dos corpos d'água ali existentes (Albuquerque *et al.*, 2009).

O relevo do campus é suavemente ondulado, com resquícios de Mata Atlântica nas áreas mais elevadas, as quais se encontram localizadas, principalmente, no Açude do Prata, onde funciona a mais antiga estação de tratamento de água da Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA). Os fragmentos vegetacionais do campus, antes conectados ao PEDI, estão bastante alterados pela ação humana, e são cortados por córregos permanentes, ligados ao Rio Capibaribe e aos açudes do PEDI (Farias & Mendes, 1995).

Na maior parte do campus são encontradas espécies vegetais cultivadas. Nas áreas de preservação permanente nota-se o crescimento espontâneo de espécies exóticas e nativas. Dentre essas se destacam: sombreiro, *Clitoria fairchildiana* R. Howard (Leguminosae-Faboideae), castanheira, *Terminalia cattapa* L. (Combretaceae), azeitona-preta, *Olea europaea* L. (Oleaceae), bananeira, *Musa balbisiana* L. A. Colla (Musaceae), genipapo, *Genipa americana* L. (Rubiaceae), pitanga, *Eugenia uniflora* L. (Myrtaceae), goiaba, *Psidium guajava* L. (Myrtaceae), araçá, *Psidium guineense* Sw. (Myrtaceae), jambo roxo, *Syzygium malaccense* (L.) Merr. & L. M. Perry (Myrtaceae), *Syzygium jambos* (L.) Alston (Myrtaceae),

Syzygium cumini (L.) Skeels (Myrtaceae), *Chitaxilum pernambucense* Moldenke (Verbenaceae), murici, *Byrsonima crassiflora* L. (Malpighiaceae), candiúba, *Trema micrantha* (L.) Blume. (Cannabaceae), mangue preto, *Avicennia schaueriana* Stapf & Leechm. ex Moldenke. (Acanthaceae), *Caesalpinia echinata* Lam. (Caesalpiniaceae), eucalipto, *Eucalyptus* sp. (Myrtaceae) e embaúba, *Cecropia hololeuca* Miq. (Cecropiaceae).

O grande número de espécies exóticas demonstra o grau de antropização da área (Torres *et al.*, 2010), e a presença dessas espécies deve ter sido proveniente de ações espontâneas de discentes, professores e/ou funcionários da UFRPE. Além disso, a presença maciça de embaúbas, em algumas áreas do campus, indica que essa área encontra-se degradada ou em processo de degradação, sendo fortemente agravado pela evidente ocupação da área por acomodações necessárias para o funcionamento das atividades da Universidade (Silva *et al.*, 2010) e por comunidades estabelecidas, tanto em seu perímetro como em seu interior (Albuquerque *et al.*, 2009).

CAMPUS UFRPE - RECIFE DO GUIA



Legenda
Predios.shp
Contorno pol.shp



Elaboração
Laboratório de Geoprocessamento e
Sensoriamento Remoto-GEOSERE

Prof. Hemande Pereira da Silva
Edson Silva Barbosa Leal
Arthur Lourenço de Melo

300 0 300 Meters

Escala 1:30000

ORGANIZAÇÃO DO GUIA

A listagem das aves presentes neste guia foi obtida através de um levantamento prévio, publicado na década de 1990 (Farias & Mendes, 1995), em idas ao campo, nos anos de 2011 e 2012, e em visitas posteriores para observação de aves. Também foi posto à listagem da UFRPE o registro de *Pulsatrix perspicillata*, informação divulgada no Congresso de Ecologia do Brasil (Cabral *et al.*, 2003).

Ao todo, são apresentadas fotografias e informações sobre 70 espécies de aves. As informações sobre ecologia, hábitos alimentares e comportamentos foram obtidas de consultas às importantes obras da literatura ornitológica, tais como Sick (1997), Ferguson-Lees & Christie (2001), Develey & Endrigo (2004), Sigrist (2006), Antas & Palo-Júnior (2009), Ridgley & Tudor (2009), Gwinne *et al.* (2010), Hilty (2011) e Cintra (2014).

A ordenação sistemática e os nomes científicos das espécies seguem o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) (Piacentini *et al.*, 2015). Os nomes vernáculos são aqueles conhecidos em Pernambuco (Farias *et al.*, 2000a, 2008), mas, na falta desses, recorreu-se à nomenclatura presente na listagem do CBRO (Piacentini *et al.*, 2015).

Para designar os táxons ameaçados de extinção foram consultadas a Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas da IUCN (IUCN, 2017) e a Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção (MMA, 2014).

As espécies introduzidas no Brasil e em Pernambuco estão de acordo com Sick (1997) e Farias *et al.* (2008), respectivamente.

A AVIFAUNA NO CAMPUS DA UFRPE

Um total de 118 espécies de aves, pertencentes a 42 Famílias e 19 Ordens, foi registrado para o Campus da UFRPE. Esse montante corresponde a 58% do total de espécies assinaladas para a cidade de Recife (n = 202) (Farias *et al.*, 2000b).

Ao todo, foram registrados cinco táxons ameaçados de extinção: a tiribapérola, *Pyrrhura coerulescens*, o apuim-de-cauda-amarela, *Touit surdus*, o bico-virado-miúdo, *Xenops minutus alagoanus*, o pintor-verdadeiro, *Tangara fastuosa* e a pintassilva, *Spinus yarrellii*.

A maior parte das espécies é residente do Brasil, entretanto, a garça-boiera, *Bubulcus ibis*, o pombo-doméstico, *Columba livia*, o pardal, *Passer domesticus* e o bico-de-lacre, *Estrilda astrild* foram introduzidas no país. Quase todas essas espécies adentraram no Brasil por ação humana, contudo, a garça-boiera chegou de forma natural, em meados do século XX. Há, também, aquelas espécies provenientes de outras áreas do país, que foram introduzidas em Pernambuco por meio de soltura

ou por escape de cativeiro, como a tiriba-pérola, *P. coerulescens*, que é nativa da região amazônica, mas que foi registrada no PEDI e no campus da UFRPE (Pereira et al., 2008).

IMPORTÂNCIA DO CAMPUS DA UFRPE PARA AS AVES

O número de espécies registradas no campus mostra a importância desse local para a manutenção das aves. A proximidade com o PEDI, a riqueza de ambientes e a variedade de espécies vegetais encontradas na UFRPE são, provavelmente, os principais fatores determinantes desta riqueza.

Devido à proximidade com o PEDI, o Campus da UFRPE funciona como um local de passagem e refúgio para muitas espécies de hábitos florestais, como o poiaeiro-da-guiana, *Zimmerius acer* e o poiaeiro-de-sobrancelha, *Ornithion inerme*. Assim, muitas dessas espécies utilizam o campus como um trampolim para outras áreas verdes da cidade.

Os distintos ambientes encontrados no campus acarretam uma maior diversidade de espécies de aves. Por exemplo, nos tanques da piscicultura (Departamento de Pesca e Aquicultura) (Figura 1a) encontramos várias espécies de aves típicas de ambientes aquáticos, como a marreca-irerê, *Dendrocygna viduata*, a jaçanã, *Jacana jacana*, o socozinho, *Butorides striatus* e o savacu, *Nycticorax nycticorax*; no campo de futebol (Figura 1b), em frente ao Prédio Central, encontramos espécies que habitam os gramados e áreas abertas, como as rolinhas, *Columbina spp.*, e a piruinha, *Anthus lutescens*.

O quantitativo de espécies vegetais também é um fator determinante para um maior número de espécies de aves, dada a íntima relação existente entre a flora e a fauna. Na vegetação, as aves encontram seus alimentos, locais para nidificação, refúgios e locais para manter todo seu ciclo biológico (Höfling & Camargo, 1999). Como o Campus possui alguns fragmentos de Mata Atlântica (mesmo que bem alterados) (Figura 1c), não seria surpresa o registro de espécies de aves florestais típicas desse domínio, como *Z. acer* e *O. inerme*, citadas anteriormente.



Figura 1. Ambientes encontrados no campus da UFRPE-Sede. A. Base de piscicultura no Departamento de Pesca e Aquicultura; B. Campo de futebol em frente ao Prédio Central; C. Gato preto à espreita das aves nos galhos de um arbusto nos jardins do Prédio Central. D. Áreas de vegetação de Mata Atlântica seccionada por uma estrada no interior do campus.

AMEAÇAS E CONSERVAÇÃO DAS AVES NO CAMPUS

Nas últimas décadas, a UFRPE vem criando cursos e departamentos e, conseqüentemente, novos prédios e edificações têm sido construídos para suprir essa demanda. Dessa forma, alguns ambientes importantes para algumas espécies de aves, como os gramados e as áreas alagáveis, foram suprimidos pelo crescimento da Universidade. Então, pontuamos aqui a perda de habitats para a ampliação das áreas funcionais da Universidade como uma séria ameaça, talvez a principal para as aves, devido à estreita relação existente entre algumas espécies de aves e seus ambientes.

A presença maciça de gatos no interior do campus é outra grande ameaça à avifauna, visto que esses são predadores das aves adultas, de seus ovos e filhotes. A UFRPE tem uma grande população de gatos, principalmente na área próxima ao Prédio Central. Muitos desses gatos sobem nos arbustos e árvores à procura das aves e de seus filhotes durante o período de nidificação (Figura 1c).

Outra ameaça é a captura de pássaros em áreas no entorno do Campus, pois essa prática afeta diretamente as populações de aves, algumas dessas ameaçadas de extinção, como o pintor-verdadeiro, *T. fastuosa* e a pintassilva, *S. yarrellii*; diversas pessoas foram observadas capturando aves silvestres em áreas circunvizinhas, geralmente capturando papa-capins *Sporophila nigricollis* e tizius *Volatinia jacarina*, entre outras espécies.

Como sugestão à conservação das aves existentes no campus da UFRPE, podemos mencionar o controle na construção de novas dependências em locais que são ambientes potenciais para as aves, o controle na população de animais domésticos, principalmente de gatos, que possuem uma elevada densidade populacional na localidade, e por fim, uma maior fiscalização para coibir a presença de pessoas que capturam aves.

A utilização desse guia em observações de aves no campus da UFRPE é também uma importante ferramenta na conservação das aves existentes na Universidade. A prática da observação de aves (*birdwatching*) tem auxiliado bastante os programas de conservação. Além disso, o conhecimento, na prática, da história natural e do comportamento das aves poderia ser utilizado pelos professores de Zoologia e Ecologia em suas aulas práticas, não sendo necessário se deslocar para áreas distantes, pois no Campus da UFRPE é possível observar, com certa facilidade, várias espécies de aves.

LISTA DAS AVES DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

NOME DO TÁXON	NOME VERNÁCULO
ORDEM ANSERIFORMES	
FAMÍLIA ANATIDAE	
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	marreca-irerê
ORDEM GALLIFORMES	
FAMÍLIA CRACIDAE	
<i>Ortalis araucuan</i> (Spix, 1825)	aracuã
ORDEM PELECANIFORMES	
FAMÍLIA ARDEIDAE	
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-boiera
<i>Ardea alba</i> (Linnaeus, 1758)	garça-branca-grande
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena
ORDEM CATHARTIFORMES	
FAMÍLIA CATHARTIDAE	

<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha
<i>Cathartes burrovianus</i> (Cassin, 1845)	urubu-de-cabeça-amarela
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-cangueiro
ORDEM ACCIPITRIFORMES	
FAMÍLIA ACCIPITRIDAE	
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1758)	gavião-peneira
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	gavião-pedrês
<i>Buteo brachyurus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-de-cauda-curta
ORDEM GRUIFORMES	
FAMÍLIA RALLIDAE	
<i>Aramides cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	três-cocos
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã
<i>Gallinula galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	galinha-d'água-preta
<i>Porphyrio martinicus</i> (Linnaeus, 1766)	galinha-d'água-azul
ORDEM CHARADRIIFORMES	
FAMÍLIA CHARADRIIDAE	
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	tetéu
FAMÍLIA JACANIDAE	
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã
ORDEM COLUMBIFORMES	
FAMÍLIA COLUMBIDAE	
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinzenta
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1810)	rolinha-vermelha
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-pagô
<i>Columba livia</i> (Gmelin, 1789)	pombo-doméstico
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemeadeira
ORDEM CUCULIFORMES	
FAMÍLIA CUCULIDAE	
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato
<i>Crotophaga ani</i> (Linnaeus, 1758)	anu-preto
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	peítica
ORDEM STRIGIFORMES	
FAMÍLIA TYTONIDAE	
<i>Tyto furcata</i> (Temminck, 1827)	coruja-rasga-mortalha
FAMÍLIA STRIGIDAE	
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	coruja-de-frio
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	coruja-bode

ORDEM NYCTIBIIFORMES	
FAMÍLIA NYCTIBIIDAE	
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua
ORDEM CAPRIMULGIFORMES	
FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE	
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau
ORDEM APODIFORMES	
FAMÍLIA APODIDAE	
<i>Chaetura meridionalis</i> (Hellmayr, 1907)	andorinhão-do-temporal
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha
FAMÍLIA TROCHILIDAE	
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-carrapato
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-rabo-de-tesoura
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-rabo-preto-e-branco
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	bizunga
<i>Chrysolampis mosquitos</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho
<i>Chlorestes notata</i> (Reich, 1793)	beija-flor-de-garganta-azul
<i>Amazilia leucogaster</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-barriga-branca
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca
ORDEM CORACIIFORMES	
FAMÍLIA ALCEDINIDAE	
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	fura-barreira
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno
ORDEM GALBULIFORMES	
FAMÍLIA GALBULIDAE	
<i>Galbula ruficauda</i> (Cuvier, 1816)	bico-de-agulha
FAMÍLIA BUCCONIDAE	
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	dorminhoco
ORDEM PICIFORMES	
FAMÍLIA PICIDAE	
<i>Picumnus pernambucensis</i> (Zimmer, 1947)	picapauzinho-de-pernambuco
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-pequeno
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado
ORDEM FALCONIFORMES	
FAMÍLIA FALCONIDAE	
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	carcará
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro

<i>Falco femoralis</i> (Temminck, 1822)	falcão-de-coleira
ORDEM PSITTACIFORMES	
FAMÍLIA PSITTACIDAE	
<i>Pyrrhura coerulescens</i> (Neumann, 1927)	tiriba-pérola
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tapacu
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	apuim-de-cauda-amarela
ORDEM PASSERIFORMES	
FAMÍLIA THAMNOPHILIDAE	
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot, 1817)	choquinha-de-flanco-branco
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo
FAMÍLIA DENDROCOLAPTIDAE	
<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco
FAMÍLIA XENOPIIDAE	
<i>Xenops minutus alagoanus</i> (Pinto, 1954)	bico-virado-miúdo
FAMÍLIA FURNARIIDAE	
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	maria-de-barro
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	casaca-de-couro
<i>Synallaxis frontalis</i> (Pelzeln, 1859)	tio-antônio
FAMÍLIA PIPRIDAE	
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	dançarino
FAMÍLIA RHYNCHOCYCLIDAE	
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	reloginho
FAMÍLIA TYRANNIDAE	
<i>Zimmerius acer</i> (Salvin & Godman, 1883)	poiaeiro-da-guiana
<i>Ornithion inerme</i> (Hartlaub, 1853)	poiaeiro-de-sobrancelha
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	maria-já-é-dia
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolhinho
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	bem-te-vi-do-gado
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bem-te-vi-do-pequeno
<i>Tyrannus melancholicus</i> (Vieillot, 1819)	bem-te-vi-de-cercado
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavandeira
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	viuvinha
FAMÍLIA VIREONIDAE	
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari

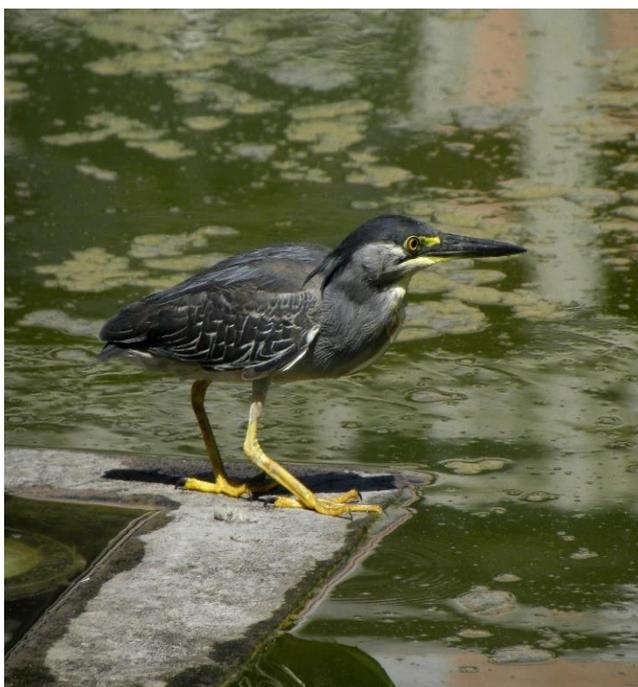
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	chorão-da-mata
FAMÍLIA HIRUNDINIDAE	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-mestre
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-de-papo-branco
FAMÍLIA TROGLODYTIDAE	
<i>Troglodytes musculus</i> (Naumann, 1823)	rouxinol
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinção-pai-avô
FAMÍLIA DONACOBIIIDAE	
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	chauá
FAMÍLIA POLIOPTILIDAE	
<i>Ramphocaenus melanurus</i> (Vieillot, 1819)	bico-assovelado
<i>Polioptila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	gatinha
FAMÍLIA TURDIDAE	
<i>Turdus leucomelas</i> (Vieillot, 1818)	sabiá-branco
<i>Turdus rufiventris</i> (Vieillot, 1818)	sabiá-gongá
FAMÍLIA MIMIDAE	
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	papa-cebo
FAMÍLIA MOTACILLIDAE	
<i>Anthus lutescens</i> (Pucheran, 1855)	piruinha
FAMÍLIA ICTERIDAE	
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	xexéu-de-bananeira
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	papa-arroz
FAMÍLIA THRAUPIDAE	
<i>Tangara fastuosa</i> (Lesson, 1831)	pintor-verdadeiro
<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçú-azul
<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçú-de-coqueiro
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	frei-vicente
<i>Sicalis luteola</i> (Sparman, 1789)	mané-mago
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	encontro-de-prata
<i>Cyaner pescyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	verdelim
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	sebito
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	papa-capim
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	papa-pimenta
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	canário-de-folha
FAMÍLIA FRINGILLIDAE	
<i>Spinus yarrellii</i> (Audubon, 1839)	pintassilva

<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	vem-vem
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	guriatã
FAMÍLIA ESTRILDIDAE	
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre
FAMÍLIA PASSERIDAE	
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal

▶ DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

ORDEM PELECANIFORMES

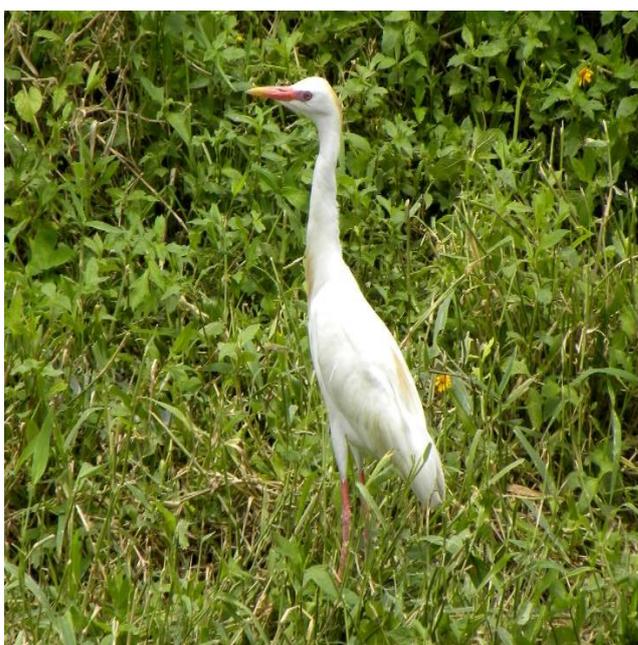
FAMÍLIA ARDEIDAE



Butorides striata
(socozinho)

Foto: Glauco Pereira

As principais características dessa espécie são as pernas curtas e amareladas, e seu inconfundível andar agachado, como se estivesse esgueirando-se. Alimenta-se de peixes, anfíbios e outros pequenos animais. Habita locais próximos à água. Observado, com frequência, nos tanques de piscicultura do Departamento de Pesca e Aquicultura; 36 cm de altura.



Bubulcus ibis
(garça-boiera)

Foto: Glauco Pereira

Também conhecida por garça-vaqueira, é originária do continente africano, tendo sido registrada pela primeira vez no Brasil em meados do século XX. Durante a fase não reprodutiva, a plumagem é totalmente branca, com as pernas escuras; porém, no período reprodutivo adquire penas alaranjadas no alto da cabeça, peito e costas, e as pernas tornam-se avermelhadas. Alimenta-se, principalmente, de insetos, mas também captura aranhas, gastrópodes, anuros e peixes. Pequenos bandos são observados na área de

pastagem, no Departamento de Veterinária e no Departamento de Zootecnia, junto aos búfalos; 49 cm de altura.



Ardea alba
(garça-branca-grande)

Foto: Glauco Pereira

É a maior das garças brancas do Brasil. Possui o corpo completamente branco, sendo facilmente identificada pelas longas pernas e pescoço comprido. O bico é longo e amarelado, as pernas e os dedos são pretos. Na época reprodutiva adquire penas de adorno (filigranas), que podem ter mais de 50 cm de comprimento. Alimenta-se,

principalmente, de peixes, podendo capturar, ocasionalmente, anfíbios e outros pequenos vertebrados. Observada nos tanques da base de piscicultura do Departamento de Pesca e Aquicultura; 88 cm de altura.



Egretta thula
(garça-branca-pequena)

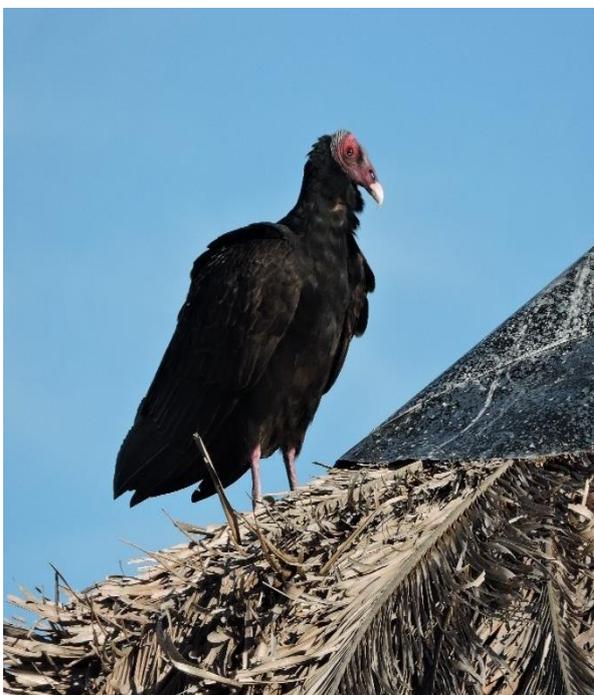
Foto: Glauco Pereira

Espécie semelhante à garça-boiera, com plumagem totalmente branca, entretanto, o bico e os tarsos são pretos. Possui a íris e os dedos amarelos. A plumagem é rica em pó, que é produzido por pulviplumas concentradas no peito e nos lados do corpo. Alimenta-se de peixes, apreciando também insetos, larvas, caranguejos, anfíbios e pequenos

répteis. Observada nos tanques da base de piscicultura do Departamento de Pesca e Aquicultura; 54 cm de altura.

ORDEM CATHARTIFORMES

FAMÍLIA CATHARTIDAE



Cathartes aura
(urubu-de-cabeça-vermelha)

Foto: Glauco Pereira

Esse urubu possui longas asas que chegam a 1,80m de envergadura, que, em voo, parecem formar um “V”. Possui a plumagem preta e a cabeça avermelhada. Utiliza o olfato, que é bastante apurado, para procurar carniça, sendo o primeiro a chegar às carcaças; também é considerado um exímio caçador. Observado, com certa regularidade, sobrevoando toda a extensão da Universidade; 73 cm de altura.



Coragyps atratus
(urubu-cangueiro)

Foto: Leonardo Barbosa da Silva

Em voo, esse urubu é logo identificado pela cabeça preta e por apresentar as pontas das asas esbranquiçadas. Habita ambientes abertos, evitando áreas com vegetação densa. Alimenta-se de carniças, buscando, na zona urbana, restos de comida e partes de animais abatidos. É observado diariamente sobrevoando o campus, normalmente planando à grande altura; 62 cm de altura.

ORDEM ACCIPITRIFORMES

FAMÍLIA ACCIPITRIDAE



Rupornis magnirostris
(gavião-carijó)

Foto: Glauco Pereira

É o gavião mais abundante de Pernambuco, conhecido em algumas localidades do Recife como gavião-pega-pinto. Caça pequenos vertebrados e artrópodes.

É encontrado praticamente em todo o campus, pousado nos galhos das árvores ou em voo, ocasião em que vocaliza bastante; 36 cm de altura.

ORDEM CHARADRIIFORMES

FAMÍLIA CHARADRIIDAE



Vanellus chilensis
(tetéu)

Foto: Leonardo Barbosa da Silva

Ocorre em todo o Brasil, sendo uma das aves mais conhecidas do Brasil. Possui um esporão ósseo vermelho, pontudo, que fica escondido no encontro das asas. Na região posterior da cabeça destaca-se um longo penacho. É

uma ave muito ativa, tanto no período diurno como noturno. É comumente encontrada no campus, próximo ao campo de futebol, em frente ao Prédio Central, nos Departamentos de Zootecnia e de Veterinária, e próximo aos tanques do Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura; 37 cm de altura.

FAMÍLIA JACANIDAE



Jacana jacana
(jaçanã)

Foto: Ciro Albano

A jaçanã é uma ave que habita locais pantanosos. Possui plumagem negra com manto castanho, bico amarelo com escudo frontal vermelho e rêmiges verde-amareladas; tem um afiado esporão vermelho nas asas. A plumagem do juvenil é castanha acinzentada no dorso e branca no ventre, com máscara anegrada cobrindo os olhos. Alimenta-se de insetos, moluscos, pequenos peixes e sementes. O macho é quem choca os ovos e cuida dos filhotes. É observada, frequentemente, sobre a vegetação flutuante e nas bordas dos tanques da base de piscicultura do Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura; 23 cm de altura.

ORDEM COLUMBIFORMES

FAMÍLIA COLUMBIDAE



Columbina passerina
(rolinha-cinzenta)

Foto: Glauco Pereira

Essa rolinha tem a plumagem cinzenta, com a nuca, pescoço e peito escamados; as rêmiges, marrom-avermelhadas, são visíveis durante o voo. Alimenta-se, principalmente, de sementes e, ocasionalmente, de pequenos insetos. É observada em todas as áreas abertas do campus, sendo mais abundante no campo de futebol, em frente ao Prédio Central; 15 cm de altura.



Columbina talpacoti
(rolinha-vermelha)

Foto: Glauco Pereira

Também é conhecida pelo nome de rolinha-caldo-de-feijão. O macho tem a plumagem marrom-avermelhada e a cabeça cinza-azulada; a fêmea tem a plumagem e a cabeça pardacentas. Alimenta-se de sementes e pequenos frutos, além de consumir pequenos insetos. É encontrada em todo o campus; 17 cm de altura.



Columbina squammata
(fogo-pagô)

Foto: Glauco Pereira

Conhecida na região por rolinha-cascavel ou fogo-pagô. Possui a plumagem branca por baixo e pardacenta e por cima; as penas possuem contornos pretos, se assemelhando a escamas. Quando voa, é possível observar o branco presente nas asas e nas laterais da cauda. O canto é

interpretado como vocalizando a expressão 'fogo-pagô'. Consome sementes, frutos e pequenos caracóis. Observada, ocasionalmente, no campo de futebol, nos Departamentos de Veterinária, Zootecnia e Pesca e Aquicultura; 19,5 cm de altura.



Columba livia
(pombo-doméstico)

Foto: Ciro Albano

Há indícios de que o pombo foi introduzido no Brasil como ave doméstica no século XVI. A plumagem é cheia e macia, muito rica em pó. O macho possui o pescoço bem mais grosso que a fêmea. É granívoro e frugívoro, mas nas cidades come quase todo tipo

de alimento deixado pelas pessoas. Encontrado em toda a extensão da Universidade; 38 cm de altura.

ORDEM CUCULIFORMES

FAMÍLIA CUCULIDAE



Crotophaga ani
(anu-preto)

Foto: Leonardo Barbosa da Silva

O anu-preto é facilmente identificado por sua cauda comprida e pela plumagem completamente preta. Sempre é observado em bandos pouco numerosos. Sua alimentação consiste em artrópodes e pequenos vertebrados. É observado em vários pontos da Universidade, contudo,

ocorre com maior frequência no Departamento de Zootecnia, próximo à criação de búfalos; 36 cm de altura.



Guira guira
(anu-branco)

Foto: Paulo Barros

Nessa espécie de anu destaca-se a coloração clara e o topete, que fica constantemente eriçado. Assim como o anu-preto, é bastante sociável, vivendo em grupos com até 20 indivíduos. Alimenta-se de artrópodes e de pequenos vertebrados, e, ocasionalmente, saqueia o ninho de outras aves. Possui um amplo repertório vocal, que é importante para a comunicação do grupo. Observado no campo aberto do Departamento de Zootecnia e em outros locais do campus; 38 cm de altura.

ORDEM STRIGIFORMES

FAMÍLIA TYTONIDAE



Tyto furcata
(coruja-rasga-mortalha)

Foto: Pedro Lima

Essa coruja ocorre em todo o Brasil. Também é conhecida por coruja-branca e coruja-de-igreja. Seu nome vernáculo “rasga-mortalha” está associado ao som que emite durante o voo, que é semelhante ao ato de rasgar uma mortalha (pano que encobre o morto), por isso na região é sinal de agouro. Alimenta-se de pequenos vertebrados e grandes insetos, sendo considerada uma das principais controladoras de ratos no meio urbano. Durante a noite é presença marcante no campus; 37 cm de altura.

FAMÍLIA STRIGIDAE



Megaschops choliba
(coruja-de-frio)

Foto: Ciro Albano

Essa coruja apresenta a plumagem nas fases acinzentada ou avermelhada. Seu canto é uma série de notas monótonas, emitidas durante o crepúsculo e início da noite. Possui grande acuidade auditiva e visual. Captura insetos e pequenos vertebrados. Foi encontrada em

uma área arborizada no Departamento de Zootecnia, entretanto, deve ocorrer em grande parte da Universidade; 22 cm de altura.

ORDEM CAPRIMULGIFORMES

FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE



Nyctidromus albicollis
(bacurau)

Foto: Glauco Pereira

O bacurau é uma ave de hábitos noturnos. Possui esse nome devido à sua voz, que é interpretada como “ba-bacurau”. Consome insetos, que são capturados em pleno voo. No campus pode ser visto na estrada

que segue para o Departamento de Zootecnia, nos Departamentos de Veterinária, Pesca e Aquicultura, e em áreas próximas à Biblioteca Central; 30 cm de altura.

ORDEM APODIFORMES

FAMÍLIA TROCHILIDAE



Phaethornis ruber
(beija-flor-carrapato)

Foto: Ciro Albano

É um minúsculo beija-flor. Tem o hábito de voar baixo, emitindo um zumbido, semelhante a uma abelha ou besouro. Macho e fêmea são parecidos, porém, o macho possui uma estreita faixa preta no peito. Alimenta-se do néctar das flores e de pequenos insetos. Ocorre nas áreas densamente arborizadas da Universidade; 8,6 cm de altura.



Eupetomena macroura
(beija-flor-rabo-de-tesoura)

Foto: Ciro Albano

Tem a cauda comprida e bifurcada, lembrando o formato de uma tesoura, daí o significado de seu nome vernáculo. A cabeça e o pescoço são azulados, e o restante da plumagem é verde-brilhante. É muito territorialista, afugentando outras espécies de aves de seu território. Observado em toda a área da UFRPE; 18 cm de altura.



Amazilia leucogaster
(beija-flor-de-barriga-branca)

Foto: Pedro Lima

Esse é o beija-flor mais abundante do Recife. É facilmente identificado pela cor da plumagem, verde brilhante por cima e branco por baixo. Assim como os outros beija-flores, consome néctar e captura pequenos insetos para complementar a sua dieta. Ocorre, praticamente, em todos os ambientes do campus; 10 cm de altura.

ORDEM CORACIIFORMES

FAMÍLIA ALCEDINIDAE



Megaceryle torquata
(fura-barreira)

Foto: Pedro Lima

Esse é o maior dos martins-pescadores. O macho possui o peito e o ventre castanhos, enquanto a fêmea tem no peito uma faixa cinza-azulada. Alimenta-se, preferencialmente, de peixes, que são visualizados de um poleiro alto; captura suas presas a partir de um mergulho que dá a partir de um

poleiro fixo, daí os seus nomes vernáculos flecha-peixe e pica-peixe. É encontrado nos tanques da base de piscicultura do Departamento de Pesca e Aquicultura; 42 cm de altura.



Chloroceryle amazona
(martim-pescador-verde)

Foto: Paulo Barros

Assim como a espécie anterior, há um acentuado dimorfismo sexual; ambos os sexos possuem o ventre branco, porém o macho tem uma larga faixa castanha no peito. Alimenta-se, principalmente, de peixes; a técnica de captura das presas é semelhante ao fura-barreira, porém em poleiros mais baixos; além de peixes, captura larvas de artrópodes e, ocasionalmente, anuros. Também é observado no mesmo local que a espécie anterior; 29,5 cm de altura.

ORDEM GALBULIFORMES

FAMÍLIA GALBULIDAE



Galbula ruficauda
(bico-de-agulha)

Foto: Glauco Pereira

Essa ave se assemelha a um grande beija-flor, por causa do reflexo de sua plumagem e do bico comprido. O macho possui a garganta branca, e a fêmea, ferrugínea. Emite um assobio repetido, que se acelera, terminando em um trinado descendente. É fiel ao poleiro, onde passa vários minutos à espreita de insetos, capturando-o sem pleno voo; alimenta-se de borboletas,

mariposas, abelhas, libélulas, besouros, cupins e formigas aladas. Observada em todas as áreas arborizadas do campus; 22 cm de altura.

FAMÍLIA BUCCONIDAE



Nystalus maculatus
(dorminhoco)

Foto: Ciro Albano

O dorminhoco tem o bico vermelho, o peito e a barriga salpicados de preto. Como permanece imóvel por muito tempo, enquanto pousado, fica facilmente despercebido, sendo traído apenas pelo canto, que é uma estrofe ondulada ‘turu-turu-turu’, emitida com mais

intensidade na época reprodutiva. Nidifica em buracos localizados em barrancos. É encontrado, frequentemente, nos Departamentos de Pesca e Aquicultura, Veterinária, e em outras áreas arborizadas do campus; 18 cm de altura.

ORDEM PICIFORMES

FAMÍLIA PICIDAE



Picumnus pernambucensis
(picapauzinho-de-pernambuco)

Foto: Yuri Raia

Esse é o menor pica-pau que ocorre na localidade. Possui o dorso oliváceo, as partes inferiores amareladas e barradas de negro; o macho possui a fronte pintada de vermelho. A voz é aguda e pouco perceptível. Alimenta-se de pequenos insetos. É muito comum nas áreas arborizadas da UFRPE; 9 cm de altura.



Veniliornis passerinus
(pica-pau-pequeno)

Foto: Glauco Pereira

Esse pica-pau possui coloração oliva-amarelada por cima e oliva-cinzenta por baixo, com estrias escuras. O macho possui o alto da cabeça vermelho. Sua voz, estridente, se parece com uma risada acelerada 'kikikikikiki'. Alimenta-se de insetos e de suas larvas. Pode ser visto em toda a Universidade; 15 cm de altura.

ORDEM FALCONIFORMES

FAMÍLIA FALCONIDAE



Caracara plancus
(carcará)

Foto: Ciro Albano

É considerado um dos símbolos das regiões áridas do Nordeste brasileiro, no entanto, também ocorre nas áreas úmidas da Zona da Mata e litoral. Alimenta-se de carniça e de animais vivos (répteis, anfíbios, aves, mamíferos, insetos, minhocas, etc.); ataca animais

machucados e imóveis na estrada, além de saquear o ninho de outras aves para consumir ovos e/ou filhotes. Pode ser visto sobrevoando o campus ou pousado em torres e galhos de árvores; 56 cm de altura.

ORDEM PSITTACIFORMES

FAMÍLIA PSITTACIDAE



Forpus xanthopterygius
(tapacu)

Foto: Yuri Raia

O tapacu é bem menor do que a espécie seguinte. O macho é todo verde com um tom amarelado na face, uropígio, coberteiras e secundárias azuis; a plumagem da fêmea é verde, com um tom amarelado nos flancos e na cabeça. Alimenta-se de sementes, frutos, flores e botões florais. Observado pousado nas árvores ou sobrevoando o campus, vocalizando bastante; 12 cm de altura.



Brotogeris chiriri
(periquito-de-asa-amarela)

Foto: Glauco Pereira

Esse periquito foi introduzido no Recife, provavelmente por escape de cativeiro ou soltura indevida. Atualmente, bandos numerosos podem ser vistos em diversas áreas da Cidade, principalmente nas praças e parques. É todo verde, destacando-se uma pequena mancha amarela nas asas (nas coberteiras). Alimenta-se de frutos, sementes, flores e néctar. Os bandos podem ser vistos sobrevoando a Universidade ou pousados nos galhos das árvores, em grande algazarra; 23,5 cm de altura.

ORDEM PASSERIFORMES

FAMÍLIA FURNARIIDAE

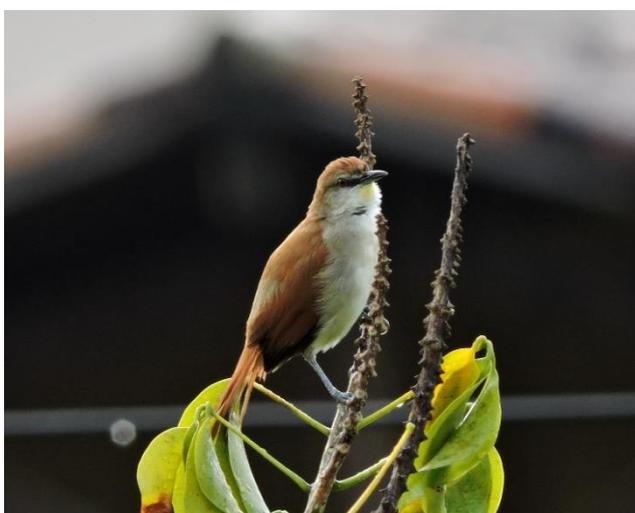


Furnarius figulus
(maria-de-barro)

Foto: Glauco Pereira

No meio urbano é visto, com frequência, caminhando no solo, pousado nos galhos das árvores ou sobre as estruturas e edificações. Habita áreas ribeirinhas, áreas abertas e brejos. Muitas vezes, os casais cantam em dueto, emitindo

uma série de notas altas, fortes e estridentes. Alimenta-se de insetos. No campus, é sempre observada na base de piscicultura (Departamento de Pesca e Aquicultura), no Departamento de Agronomia e no Prédio Central; 16 cm de altura.



Certhiaxis cinnamomeus
(casaca-de-couro)

Foto: Glauco Pereira

A casaca-de-couro se destaca pela cor ferrugem presente no dorso, asas e cabeça, contrastando com o ventre, que é branco; na garganta há uma pequena mancha amarelada, pouco perceptível. Está associada a ambientes aquáticos. Consome, principalmente, os insetos e suas

larvas, além de alimentar-se, também, de outros artrópodes e de pequenos moluscos. É comumente observada na vegetação próxima aos tanques da piscicultura (Departamento de Pesca e Aquicultura) e no alagado do Departamento de Zootecnia; 14,5 cm de altura.

FAMÍLIA RYNCHOCYCLIDAE



Tolmomyias flaviventris
(bico-chato-amarelo)

Foto: Yuri Raia

Esse pássaro é de fácil identificação devido à coloração amarelada plumagem e do bico, que é largo e achatado. Habita a vegetação densa, sendo detectável mais facilmente pelo canto, que é um assobio agudo e alto. Alimenta-se

de insetos e, ocasionalmente, de pequenos frutos. Constrói um ninho similar a uma bolsa pendente, localizado na ponta de um galho. Ocorre em todas as áreas arborizadas da UFRPE; 12 cm de altura.



Todirostrum cinereum (reloginho)

Foto: Glauco Pereira

O reloginho é um pássaro de difícil visualização, pois, além de pequeno, habita as ramagens densas de árvores e arbustos. É perceptível, principalmente, pelo canto, que é parecido com o ato de dar corda em um relógio. Alimenta-se de pequenos artrópodes. Seu ninho é semelhante a uma pequena

bolsa pendurada, posicionada na ponta de um galho fino. É encontrado em toda a Universidade, até mesmo nos jardins; 8,8 cm de altura.

FAMÍLIA TYRANNIDAE



Zimmerius acer
(poiaeiro-da-guiana)

Foto: Ciro Albano

Esse pequeno pássaro de hábitos florestais vem sendo registrado em muitas áreas verdes do Recife, porém, sua visualização torna-se muito difícil, devido à cor de sua plumagem, que é olivácea, e por viver nas ramagens e nas copas densas das árvores; contudo, é

facilmente detectado pelo seu chamado, que se parece com um piado, repetido várias vezes. Alimenta-se de frutos e de pequenos insetos. Encontrado em quase todo o campus, sobretudo em áreas onde há mangueiras e árvores com copas frondosas; 10,5 cm de altura.



Camptostoma obsoletum
(risadinha)

Foto: Glauco Pereira

Essa espécie é observada, com frequência, nos galhos das árvores, geralmente com o seu pequeno topete eriçado. Sua vocalização se assemelha a uma risada rápida. Alimenta-se de insetos e de frutos. É facilmente encontrada nas áreas mais arborizadas da Universidade; 10 cm de altura.



Elaenia flavogaster
(maria-já-é-dia)

Foto: Arthur Grosset

Os pássaros do gênero *Elaenia* possuem plumagens muito similares, o que torna difícil a identificação em campo; contudo, o canto, na maioria das vezes, é a característica mais segura para a diagnose. A maria-já-é-dia, por

exemplo, possui algumas vozes muito conhecidas pela população, sendo denominada em alguns locais do Recife pelo nome de juiz, devido a um chamado forte que emite. O topete normalmente fica eriçado, principalmente quando canta. Consome pequenos frutos, sementes e insetos. Comum em todas as áreas arborizadas da UFRPE; 15 cm de altura.



Phyllomyias fasciatus
(piolhinho)

Foto: Glauco Pereira

É um pássaro difícil de visualizar, pois habita a copa das árvores; seu canto é bem característico, e se for imitado, pode chegar bem próximo da fonte sonora, facilitando a visualização. O canto consiste em uma sequência de três a cinco assobios curtos. Alimenta-se de pequenos insetos. Encontrado em todas as áreas arborizadas do campus; 11,5 cm de altura.



Pitangus sulphuratus
(bem-te-vi)

Foto: Glauco Pereira

É um pássaro amplamente conhecido pela população recifense. Seu nome vernáculo deve-se a interpretação que o povo tem de uma de suas vozes – ‘bem-te-vi’. Alimenta-se de pequenos peixes, artrópodes, anuros, répteis, frutos e

sementes; também preda os ninhos de outras aves à procura de ovos. É observado em todos os ambientes do campus; 22,5 cm de altura.



Machetornis rixosa
(suiriri-cavaleiro)

Foto: Glauco Pereira

É um dos parentes próximos do bem-te-vi, porém de coloração bem distinta. Possui algumas penas avermelhadas no alto da cabeça, pouco perceptíveis. Quase todo o tempo permanece no solo. Alimenta-se de insetos;

fica à espreita dos insetos que são afugentados pela movimentação do gado. Encontra dono campo de futebol, em frente ao Prédio Central, ou próximo ao gado, no Departamento de Zootecnia; 18,5 cm de altura.



Myiozetetes similis
(bem-te-vi-do-pequeno)

Foto: Glauco Pereira

Geralmente é confundido com o bem-te-vi, devido ao padrão de cores que é semelhante, porém, o bem-te-vi-do-pequeno é menor e possui vocalizações totalmente distintas; além disso, a faixa preta que passa sobre os olhos é mais larga, e possui algumas penas vermelhas no

alto da cabeça, ao passo que no bem-te-vi essa faixa é amarela. Alimenta-se de pequenos frutos e de insetos, e preda o ninho de outras aves. Encontra-se distribuído em todos os ambientes da UFRPE; 17,5 cm de altura.



Tyrannus melancholicus
(bem-te-vi-de-cercado)

Foto: Glauco Pereira

No senso comum, é um dos tipos de bem-te-vi, no entanto, é bem distinguível pelo seu comportamento, cor da plumagem e vocalização; não possui a faixa preta na cabeça, como o bem-te-vi e o bem-te-vi-do-pequeno, e sua cauda é

bifurcada. Permanece, durante certo tempo, pousado no alto de árvores, fios ou postes à procura de insetos, que captura no ar. Ocorre em todos os ambientes do campus; 21,5 cm de altura.



Fluvicola nengeta
(lavadeira)

Foto: Glauco Pereira

É um pássaro inconfundível, conhecido até mesmo pelas crianças mais atentas à natureza. Seu nome vernáculo pode ser lavadeira ou lavadeira. A plumagem é, em geral, preta e branca, com dorso cinza-claro e uma faixa estreita preta que passa

sobre os olhos; as penas da cauda são pretas com pontas brancas. Ocorre em áreas abertas, gramados, brejos e lagoas. Quase todo o tempo permanece no solo, capturando insetos. Observada em vários pontos do campus; 15 cm de altura.



Arundinicola leucocephala
(viuvinha)

Foto: Glauco Pereira

Macho e fêmea, respectivamente.

Recebe esse nome na região, provavelmente, por causa da cor da plumagem do macho, que é preta, apresentando apenas a cabeça branca; a fêmea tem as partes superiores marrom-acinzentadas, as partes inferiores branca-pardacenta, a face e a testa brancas. Habita áreas pantanosas, brejos, lagos e lagoas. Alimenta-se de insetos, que captura em pleno voo. Observado, constantemente, nos tanques da base de piscicultura (Departamento de Pesca e Aquicultura) e no alagado existente no Departamento de Zootecnia; 12,4 cm de altura.

FAMÍLIA VIREONIDAE



Cyclarhis gujanensis
(pitiguari)

Foto: Ciro Albano

O bico e a cabeça do pitiguari são desproporcionais ao tamanho do corpo. O bico potente lembra, rapidamente, o de uma ave de rapina. Macho e fêmea são idênticos. O canto, melodioso e alto, é emitido durante grande parte do dia. Alimenta-se de

insetos, de pequenos frutos e de sementes. No campus pode ser encontrado em todos os ambientes arborizados, geralmente na copa das árvores; 16 cm de altura.

FAMÍLIA HIRUNDINIDAE



Stelgidopteryx ruficollis
(andorinha-serradora)

Foto: Glauco Pereira

Essa andorinha tem a cor da plumagem, em geral, pardacenta, mais clara por baixo, com a barriga amarelada; a garganta é alaranjada e a cauda é levemente bifurcada. Em algumas épocas do ano, torna-se muito abundante em algumas áreas do Recife. Alimenta-se de

insetos, que captura em voos baixos. No campus é comum vê-la empoleirada em fios da rede elétrica e dando voos rasantes no campo de futebol, em frente ao Prédio Central; 14 cm de altura.



Progne chalybea
(andorinha-mestre)

Foto: Ciro Albano

Essa é a maior das andorinhas existentes na localidade. O dorso é azul-metálico, com asas e cauda escuras, e por baixo é branca, com garganta e peito pardacentos; a cauda é bifurcada. Na região Nordeste tem uma população residente e outra migrante, que

surge em bandos numerosos nos meses de maio a julho. Consome insetos, que são capturados enquanto voa. É observada sobrevoando o campus ou pousada sobre as edificações; 19,5 cm de altura.



Tachycineta albiventer
(andorinha-de-papo-branco)

Foto: Ciro Albano

Possui a plumagem azul-esverdeada por cima e branco por baixo; tem uma mancha branca nas asas, que a torna inconfundível. Está associada à ambientes aquáticos, mas também pode ocorrer em áreas abertas. Alimenta-se de insetos. Alguns bandos pouco

numerosos podem ser vistos sobrevoando os tanques da piscicultura no Departamento de Pesca e Aquicultura e o campo de futebol; 13,5 cm de altura.

FAMÍLIA TROGLODYTIDAE



Troglodytes musculus
(rouxinol)

Foto: Ciro Albano

Em Pernambuco, essa espécie é conhecida por rouxinol, carriça e garrincha. Habita áreas abertas, parques, jardins, praças, bordas de florestas e áreas cultiváveis. Consome artrópodes, frutos e sementes. Constrói seu ninho em qualquer

cavidade que esteja à disposição. É uma das aves mais comuns do campus da UFRPE; 12,2 cm de altura.

FAMÍLIA POLIOPTILIDAE



Polioptila plumbea
(gatinha)

Foto: Ciro Albano

Seu nome vernáculo deve-se ao chamado nasal, que se parece com um miado, e ao hábito de movimentar a cauda para cima e para os lados enquanto se movimenta na vegetação. Machos e fêmeas possuem plumagens parecidas, porém os machos têm o

alto da cabeça preta. O canto é uma sequência de assobios suaves e melodiosos. Encontrado nas áreas arborizadas da UFRPE, como nos Departamentos de Veterinária, Zootecnia, Biologia Pesca e Aquicultura; 11 cm de altura.

FAMÍLIA TURDIDAE



Turdus leucomelas
(sabiá-branca)

Foto: Roberto Harrop

Esse sabiá possui o canto bastante melodioso, porém mais “áspero” do que o da sabiá-gongá. A plumagem também é distinta, possuindo um tom pardacento no dorso e o ventre esbranquiçado; tem o peito acinzentado e a garganta branca com listras cinza-

escuras bem definidas. Alimenta-se de frutos, sementes, minhocas e artrópodes. É encontrada nas áreas mais arborizadas do campus; 22 cm de altura.



Turdus rufiventris
(sabiá-gongá)

Foto: Ciro Albano

A sabiá-gongá destaca-se pelo alaranjado das partes inferiores, por isso em algumas regiões do país é chamada de sabiá-laranjeira. O canto é muito melodioso, sendo emitido com mais frequência ao alvorecer e à tarde. Alimenta-se de frutos, sementes, minhocas e

artrópodes. É observada nas áreas mais arborizadas da Universidade; 25 cm de altura.

FAMÍLIA MIMIDAE



Mimus saturninus
(papa-cebo)

Foto: Glauco Pereira

É conhecido por vários nomes em Pernambuco, tais como papa-cebo, sabiá-de-faixeiro, caga-cebo e sabiá-do-campo. É pardacento-escuro por cima e pardacento-claro por baixo; na cabeça destaca-se uma sobrancelha branca e uma faixa preta, que

passa pelos olhos; a cauda é comprida, com pontas brancas. Ocorre em áreas abertas com árvores esparsas, sendo, geralmente, observados pousados nas cercas, postes ou nos galhos das árvores. O canto é alto e suave. Consome frutos, sementes e artrópodes. Foi observado no campo de futebol, em frente ao Prédio Central e próximo ao Departamento de Pesca e Aquicultura; 26 cm de altura.

FAMÍLIA MOTACILLIDAE



Anthus lutescens
(piruinha)

Foto: Pedro Lima

A coloração da plumagem dessa espécie dificulta bastante a sua visualização, principalmente quando a vegetação está seca. Habita campos, campinas, pastos e áreas abertas. Vocaliza enquanto voa verticalmente, partindo de um ponto no solo e caindo quase sempre no mesmo local. Consome insetos e,

ocasionalmente, sementes. Pode ser observada caminhando no campo de futebol, em frente ao Prédio Central; 13 cm de altura.

FAMÍLIA ICTERIDAE



Molothrus bonariensis

(papa-arroz)

Foto: Glauco Pereira

Macho e fêmea, respectivamente.

Em Pernambuco, é conhecido pelos nomes de papa-arroz, pássaro-preto, chopin, gaudério e maria-preta. O macho, que é maior do que a fêmea, tem a plumagem preta, com brilho azul-púrpura; a fêmea é amarronzada. Alimenta-se de insetos e de sementes. Não constrói ninho, pondo os ovos nos ninhos de outras aves, que chocam e cuidam de seus filhotes. Alguns bandos foram observados forrageando no campo de futebol, em frente ao Prédio Central, e próximo aos búfalos, no Departamento de Zootecnia; 21 cm de altura.

FAMÍLIA THRAUPIDAE



Tangara fastuosa

(pintor-verdadeiro)

Foto: Yuri Raia

É uma das aves mais belas do Brasil, com um colorido quase indescritível. É a ave-símbolo da Mata Atlântica do Nordeste do Brasil, sendo um endemismo notável da região. Encontra-se ameaçada de extinção por causa da derrubada das florestas e da retirada de indivíduos na natureza para

serem comercializados. Habita a borda e copa da mata, além de visitar áreas arborizadas nas proximidades das florestas. Na UFRPE, foi observado nas árvores ao lado da Biblioteca Central e no Departamento de Biologia; 13,5 cm de altura.



Tangara sayaca
(sanhaçú-azul)

Foto: Glauco Pereira

Esse sanhaçú tem a plumagem de cor cinza-azulada, com as bordas das penas da cauda e asas azul-esverdeadas. Habita áreas arborizadas no meio urbano, jardins, bordas de florestas e áreas cultiváveis. Alimenta-se de frutas, sementes, flores, folhas, brotos e de

artrópodes. Pode ser visto em todos os ambientes arborizados da Universidade; 17,5 cm de altura.



Tangara palmarum
(sanhaçú-de-coqueiro)

Foto: Ciro Albano

Também é conhecido como sanhaçú-do-verde em diversas áreas do Recife. A plumagem é inteiramente verde-oliva-escura, com a cauda e penas de voo escuras. Pode ser visto, principalmente, pousado nas palmeiras. Ocorre em parques,

praças, jardins, bordas de florestas e áreas cultiváveis. A alimentação consiste em frutos, sementes, pétalas de flores, néctar e pequenos artrópodes. É comum em todos os ambientes arborizados da UFRPE; 18 cm de altura.



Tangara cayana
(freivicente)

Foto: Yuri Raia

Essa ave é bastante comum e de fácil observação em razão da coloração singular do macho, que possui uma máscara preta, que se estende até o ventre; as asas e a cauda são azul-esverdeadas, brilhantes quando vistas ao sol; o restante do corpo é

amarelo-pardacento; a fêmea é distinta, com colorido mais apagado. Habita áreas com vegetação densa ou esparsa, áreas cultiváveis, bordas de florestas, parques, praças e jardins. Alimenta-se de frutos, sementes e, ocasionalmente, de artrópodes. Frequente em todas as áreas arborizadas do campus; 14 cm de altura.



Volatinia jacarina
(tiziú)

Foto: Pedro Lima

O tiziú é todo preto com brilho azul-metálico, exceto por uma pequena mancha branca na parte inferior das asas, perceptível apenas quando voa; a fêmea é amarronzada, com estrias escuras no peito e nas laterais do corpo. Ao cantar, realiza pequenas cambalhotas, retornando

ao mesmo ponto. Alimenta-se de sementes e de insetos. Em determinadas épocas do ano aparece nos capinzais próximos à base de piscicultura, no Departamento de Pesca e Aquicultura e no Departamento de Zootecnia; 11,4 cm de altura.



Cyanerpes cyaneus
(saíra)

Fotos: Roberto Harrop
Macho e fêmea, respectivamente.



É um dos pássaros mais belos da região. A plumagem do macho é azul-púrpura, com o alto da cabeça azul-turquesa; as asas, o dorso e a cauda são pretos; a fêmea é verde, com estrias oliváceas no peito e no ventre; possui o bico longo e curvado para baixo; as pernas do macho são de um vermelho vivo, ao passo que nas fêmeas são de uma tonalidade mais clara. Sua alimentação consiste em frutas, sementes, néctar e pequenos insetos. É encontrado no alto das árvores durante o período de frutificação, em diversos pontos do campus; 11,7 cm de altura.



Dacnis cayana
(verdelim)

Fotos: Roberto Harrop
Macho e fêmea, respectivamente.



O macho do verdelim possui a coloração azul-turquesa e preto; a fêmea é verde, com a cabeça azul-turquesa; ambos os sexos possuem as pernas alaranjadas; o bico é curto e pontiagudo. Habita a borda da mata, áreas arborizadas e pomares. Consome frutos, sementes, néctar e artrópodes. Presente nas áreas mais arborizadas da Universidade; 13 cm de altura.



Coereba flaveola
(sebito)

Foto: Ciro Albano

Em Pernambuco, essa espécie tem muitos nomes populares, por exemplo: sebito, caga-sebo, caga-sebito, fura-jaca e guriatã-de-coqueiro. Há quem o ache similar a uma miniatura de bem-te-vi, por causa das cores de sua plumagem, no entanto, possui o bico curto,

levemente curvado para baixo. O canto é alto, sendo emitido durante grande parte do ano. Alimenta-se de néctar, frutos e de pequenos artrópodes. Observado em toda a extensão do campus; 10,8 cm de altura.



Sporophila nigricollis
(papa-capim)

Foto: Glauco Pereira

Em Pernambuco é amplamente chamado de papa-capim, bico-de-osso ou de cabeça-preta. O macho possui a cabeça e peito pretos, dorso e asas oliváceas e o restante da parte inferior amarelo-pálido; a fêmea é pardacenta. Seu canto é composto por notas altas e

aceleradas. Ocorre em pequenos grupos em áreas abertas, campos e capinzais, onde se alimenta das sementes das gramíneas. Alguns indivíduos foram observados em um capinzal alto próximo à base de piscicultura, no Departamento de Pesca e Aquicultura; 11 cm de altura.



Thlypopsis sordida
(canário-de-folha)

Foto: Yuri Raia

O macho dessa espécie, em muitas ocasiões, é confundido com o canário-da-terra, devido à coloração laranja e amarelo da cabeça; o dorso é acinzentado e por baixo é pardacento; a fêmea é distinta, possuindo cores mais apagadas. O canto também lembra o do canário-da-terra, porém as notas são mais agudas. Ocorre no alto das árvores das bordas das matas, pomares, e em locais bem arborizados nos centros urbanos. Alimenta-se de frutas, sementes e de pequenos artrópodes. É comum em grande parte do campus; 13,5 cm de altura.

FAMÍLIA FRINGILLIDAE



Spinus yarrellii (pintassilva)

Foto: Pedro Lima

Trata-se de uma ave ameaçada de extinção do Nordeste brasileiro, pois sua população vem diminuindo drasticamente nos últimos anos devido à grande pressão de captura de indivíduos para suprir o tráfico e comércio ilegal de animais silvestres. O macho tem a plumagem amarela, com coroa, asas e cauda pretas; a base da cauda é amarela, assim como uma faixa existente na asa; a fêmea é olivácea. Possui uma voz muito agradável, emitida constantemente pelo macho durante quase todo o ano. Alimenta-se, essencialmente, de grãos. Um casal foi observado pousado em algumas imbaúbas no Departamento de Zootecnia; 10,5 cm de altura.



Euphonia chlorotica
(vem-vem)

Foto: Ciro Albano

O macho dessa espécie possui o ventre, peito e frente na cor amarela, garganta e cabeça preta, asas, dorso e cauda preto-azulado; a fêmea é olivácea por cima e amarelo-oliva por baixo. Habita a borda da mata, pomares, parques e praças densamente arborizadas.

O canto é interpretado como ‘vem-vem’ ou ‘vi-vi’, sendo este último, outro nome no qual é conhecido em algumas áreas de Pernambuco. Consome frutos, sementes e pequenos artrópodes. Encontra-se distribuído em grande parte do campus; 9,5 cm de altura.



Euphonia violacea
(guriatã)

Foto: Ciro Albano

A guriatã é muito parecida com o vem-vem, porém é maior e mais encorpada. O macho possui o dorso, cauda, lados da cabeça e asas na cor azul-púrpura; ventre e frente de coloração amarela; a fêmea é olivácea por cima e amarelada por baixo. Habita

bordas de florestas e áreas arborizadas no meio urbano. É uma das espécies mais sonoras do Brasil, cantando durante grande parte do ano; também imita o canto de várias espécies de aves. É essencialmente frugívora, porém captura, ocasionalmente, pequenos artrópodes. Pode ser observada nas áreas mais arborizadas da UFRPE; 12 cm de altura.

FAMÍLIA ESTRILDIDAE



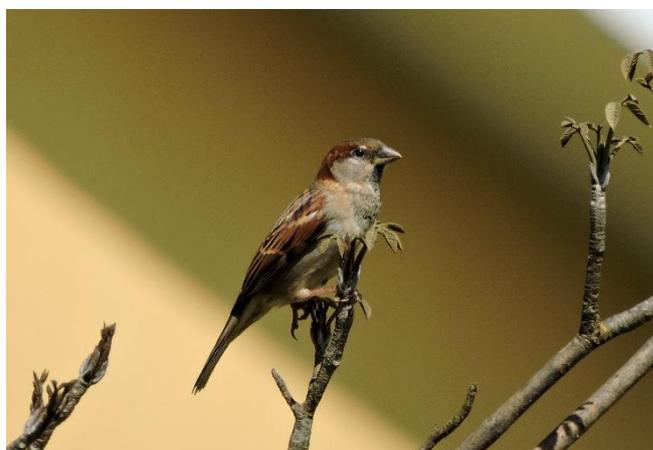
Estrilda astrild
(bico-de-lacre)

Foto: Ciro Albano

O bico-de-lacre é inconfundível pelo bico e máscara vermelhos; o imaturo tem a coloração mais apagada e o bico negro. É oriundo da África Meridional, tendo sido trazido, possivelmente, no período na época colonial ou imperial. Vive em bandos de até 20 indivíduos. Habita áreas

urbanas que contenham gramíneas altas, pois são basicamente granívoros. Pequenos bandos podem ser observados em todo o campus; 10,7 cm de altura.

FAMÍLIA PASSERIDAE



Passer domesticus
(pardal)

Foto: Glauco Pereira

O pardal foi trazido do continente europeu para o Brasil no início do século XX. O macho é bem distinto da fêmea, apresentando certo colorido: cor preta na região próxima aos olhos, na garganta e no peito, alto da cabeça cinza-

escuro, face esbranquiçada e nuca castanha; a fêmea é pardacenta uniforme, porém tem uma listra pós-ocular clara e píleo amarronzado. O bico do macho é escuro, e na fêmea, é claro. Consome sementes, frutos, artrópodes e restos de alimentos deixados pelo homem. Ocorre em todos os departamentos da Universidade, principalmente perto das barracas de lanche e dos restaurantes; 14,8 cm de altura.

POSFÁCIO

A UFRPE é uma instituição secular e tradicional no ensino superior de vários cursos, os quais nasceram voltados às ciências agrárias e da natureza. Também é reconhecida em suas pesquisas e extensão nas mais diversas áreas. Como mencionado, o meio ambiente é uma das áreas que esta instituição investe em diversos cursos, principalmente nos de Ciências Biológicas e nas pós-graduações, em níveis de mestrado e doutorado.

A avifauna é um grupo bastante estudado entre docentes e discentes da UFRPE. Além de ser de interesse de pesquisa, constitui um dos grupos animais mais reconhecidos e apreciados no ambiente natural por toda a sociedade. Muitas instituições tiveram suas aves apresentadas à comunidade científica e acadêmica, como também às pessoas de forma geral, uma vez que estas utilizam os espaços físicos destas instituições para diversas atividades que incluem o lazer, o esporte, a leitura e também a observação de aves.

A observação de aves não é apenas uma ciência, da qual trata a ornitologia, é um elo entre a sociedade e a natureza, um prazer concedido gratuitamente à humanidade, pelo meio ambiente. Em muitas culturas ao redor do mundo, este lazer não somente é realizado, como também é difundido e estimulado. As aves trazem alegria às pessoas, por sua beleza em cores e por seus mais diversos cantos melódiosos que inspiram tranquilidade.

Neste aspecto, esta obra retrata as espécies de aves presentes no campus Recife da UFRPE, nos agraciando com este conhecimento e nos estimulando a participar, ativamente, na observação das aves que estão em nossa volta. Esta obra foi resultante de uma parceria entre professores da instituição, discentes da disciplina Ecologia de Aves do curso de Pós-Graduação em Ecologia e, posteriormente, pensada como um estímulo para a sociedade como um todo, especialmente dirigida aos apreciadores da natureza.

Como Reitora e Professora, além de ter sido discente desta instituição, é gratificante poder ter acesso a este livro, que proporciona tanta beleza e amplia nosso conhecimento. Recomendo sua leitura, não só àqueles que têm um interesse acadêmico e científico, mas a todos que têm a observação de aves como uma atividade prazerosa. Convido todos e todas ao nosso Campus para usufruir dele, como mais uma área de lazer da Região Metropolitana do Recife, e conhecer as aves da UFRPE.

Maria José de Sena
Reitora da UFRPE

▶ REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M.J.B., BARRETO, T.N.A., BUONORA, E., OLIVEIRA, E.C., DUARTE, H.H.F., SILVA, J.W.L.S., RABELO, F.R.C. & MEUNIER, I.M.J. 2009. **Diagnóstico Ambiental Preliminar do Campus de Dois Irmãos da UFRPE como Subsídio ao Zoneamento Ambiental**. IX Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão da UFRPE 2009.
- ANTAS, P.T.Z. & PALO-JÚNIOR, H. 2009. **Pantanal – Guia de Aves**. 2ª edição. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 269p.
- CABRAL, J.S., VASCONCELOS, S.L., RODRIGUES, M.F. & MASCARENHAS, L.L. 2003. Dieta de coruja murucutu (*Pulsatrix perspicillata perspicillata* Lathan, 1790) no Campus de UFRPE, Recife, PE. In: **Anais do VI Congresso de Ecologia do Brasil**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Sociedade de Ecologia do Brasil.
- CINTRA, R. 2014. **Aves do Pantanal: 523 espécies incluindo cerca de 350 da Amazônia e 450 do Cerrado**. Manaus: Editora INPA. 376p.
- DEVELEY, P. & ENDRIGO, E. 2004. **Aves da Grande São Paulo: guia de campo**. São Paulo: Aves e Fotos Editora, 295p.
- FARIAS, G.B. & MENDES, A.C.R. 1995. **Aves do Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 83p.
- FARIAS, G.B., BRITO, M.T. & PACHECO, G.L. 2000a. **Aves de Pernambuco e seus Nomes Populares**. Recife: Editora Universitária da UFPE. 55p.
- FARIAS, G.B., BRITO, M.T. & PACHECO, G.L. 2000b. Aves. In: VASCONCELOS, R.F.A. & BEZERRA, O.G. (Eds.). **Atlas ambiental da cidade do Recife**. Recife: PCR/ SPUMA/ LICEU, pp. 73-80.
- FARIAS, G.B., PEREIRA, G.A. & SILVA, W.A.G. 2008. **Lista das Aves de Pernambuco**. Recife: Observadores de Aves de Pernambuco, 40p.
- FERGUSON-LEES, J. & CHRISTIE, D.A. 2001. **Raptors of the World**. Boston/Nova York: Houghton Mifflin, 992p.
- GWINNE, J.A., RIDGELY, R.S., TUDOR, R. G. & ARGEL, M. 2010. **Aves do Brasil: Pantanal & Cerrado**. São Paulo: Ed. Horizonte/Nova York: Comstock Publishing Associates, 322p.
- HILTY, S.L. 2011. Family Thraupidae (Tanagers). In: DEL HOYO, J., ELLIOT, A. & CHRISTIE, D. (Orgs). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 16. Tanagers to New World Blackbirds. Barcelona: Lynx Edicions.
- HÖFLING, E. & CAMARGO, H.F.A. 1999. **Aves no Campus da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira**. 3ª edição. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 168p.
- IUCN – THE INTERNATIONAL UNION OF CONSERVATION OF NATURE. 2017. **The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2017-3**. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org>>. Acesso em: 20/04/2018.

- MMA – MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 2014. **Portarias nº 444 e nº 445, de 18 de dezembro de 2014**. Brasília: Diário Oficial da União – Seção 1 245: 121-130.
- PEREIRA, G.A., PERIQUITO, M.C. & ALBANO, C. 2008. Nota sobre a ocorrência da tiribapérola *Pyrrhura lepida* (Aves, Psittacidae) no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia** 16: 395-397.
- PIACENTINI, V.Q. et al. 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee. **Revista Brasileira de Ornitologia** 23: 91-298.
- RIDGELY, R.S. & TUDOR, G. 2009. **Field guide to the songbirds of South America: the Passerines**. Austin: University of Texas Press, 750p.
- SIGRIST, T. 2006. **Aves do Brasil: uma visão artística**. São Paulo: Ed. Avis Brasilis, 672p.
- SICK, H. 1997. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 912p.
- SILVA, J.R., SANTOS, N., LOPES, M.J.S. & MONTES, M.A. 2010. **Efeito da urbanização nas populações de morcegos da UFRPE**. X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE 2010.
- TORRES, J.E.L., SILVA, H.P., SERPA, P.R.K., SANTOS, W.B., MARTINS, L.C., COELHO, I.A.M. & MESQUITA, A.R.S. 2010. **Localização de uma área com potencial para implantação de um arboreto experimental no campus da UFRPE**. X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE 2010.
- UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2004. **Atualização do campus apoiada no aerofotogramétrico da Prefeitura Municipal do Recife**. Recife: UFRPE/PROPLAN.

ISBN 978-65-86547-01-6



9 786586 547016